

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ABORDAGEM E A AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM

Estudar a aquisição, fases de desenvolvimento, situações normais ou patológicas (de desenvolvimento ou adquiridas) da linguagem implica obviamente uma selecção de modos de abordagem e de avaliação do objecto em causa que permitam a melhor análise possível do material, tendo em mente a satisfação dos objectivos que serviram de ponto de partida.

Convirá desde já distinguir, atendendo também à selecção dos sujeitos em estudo, por um lado as observações com base em dados colhidos numa perspectiva *longitudinal*¹ e por outro lado os dados colhidos numa perspectiva *transversal*². Para além destes dois tipos de estudos, poderão ainda salientar-se as abordagens *nomotética*³ e *idiográfica*⁴, que no fundo se poderão considerar, quando levadas ao extremo, os dois pólos de um *continuum*⁵ a que se fará alusão mais adiante.

Nos estudos de ordem longitudinal, o investigador observa uma criança ou grupos de crianças (podendo mesmo avançar até ao nível adulto) ao longo de um certo período de tempo, registando então em diferentes momentos o que pretende analisar de um ponto de vista evolutivo. Assim, tendo em consideração o estudo de determinados aspectos da linguagem, o investigador poderá observar uma criança ou um grupo de crianças relativamente a certas variáveis, por exemplo no momento em que começam a verificar-se execuções de interesse e continuará a observar posteriormente essas(s) mesma(s) criança(s) de tantos em tantos meses ou todos os anos até obter ou um pleno domínio por parte da criança do que constitui o objecto de estudo em questão, ou os elementos suficientes para levar a cabo o estudo que tem em mente.

¹ Relativamente ao que se entende por estudo longitudinal, diacrónico, de indivíduos ou grupos, ver PIERON, H. — *Vocabulaire de la psychologie*, Paris, PUF, 1951, (3.^a ed., 1973), p. 250; DARLEY, F. L. — *A philosophy of appraisal and diagnosis*, in DARLEY, F. L.; SPRIESTERSBACH, D. C., «Diagnostic methods in speech pathology» New York, Harper & Row, Publishers, 2.^a ed., 1978, p. 22.

² Relativamente ao que se considera um estudo transversal, sincrónico, de indivíduos ou grupos, ver PIERON, H. — *op. cit.*, p. 452 e DARLEY, F. L.; SPRIESTERSBACH, D. C. — *op. cit.*, p. 22.

³ No que se refere à abordagem nomotética, ver DAY, Ruth S. — *Systematic individual differences in information processing*, in ZIMBARDO, P. G.; RUCH, F. L. (orgs.), «Psychology and life» (Research frontiers section), Glenview, Ill. Scott, Foresman, 1977, p. 5A.

⁴ Cf. DAY, Ruth S. — *op. cit.*, p. 5D.

⁵ Cf. DAY, Ruth S. — *op. cit.*, p. 5A.

Se a população em estudo for constituída não pela ou pelas mesmas crianças, como atrás se referiu, mas por crianças diferentes cobrindo contudo também várias idades, nesse caso estará em causa a leitura transversal, que permite que crianças de variados grupos etários possam ser observadas ao mesmo tempo.

Num primeiro momento ressalta o facto de a perspectiva transversal traduzir uma recolha mais rápida de material, dado o seu carácter sincrónico, do que a leitura longitudinal em que a tónica recai sobre a evolução ⁶.

Dada a especificidade das duas leituras em apreço, ambas terão de ser consideradas importantes e pertinentes de acordo com as variáveis a serem analisadas. A situação ideal seria porventura aquela em que as duas leituras coexistissem, em virtude do seu carácter complementar ⁷.

Na literatura psicolinguística, sobretudo nos estudos relacionados com a aquisição da linguagem, verificam-se com uma certa frequência leituras de índole longitudinal. O investigador segue assim o comportamento verbal de uma ou de outra criança (por vezes dos próprios filhos) durante um determinado lapso de tempo com o intuito de poder observar, analisar e posteriormente comparar os comportamentos verbais obtidos ⁸.

Quando se refere o facto de o investigador poder observar um sujeito ou um grupo mais ou menos numeroso de sujeitos, tocam-se exactamente as perspectivas de abordagem *idiográfica* e *nomotética*. Intimamente relacionada com estas duas modalidades de abordagem estará a temática relativa à maior ou menor importância que se pode atribuir às *diferenças individuais* ⁹.

No tipo de abordagem nomotética, de acordo com R. S. Day ¹⁰, partir-se-á do princípio de que os indivíduos podem diferir de certa maneira relativamente aos modos como executam diferentes tarefas. Contudo essas diferenças de comportamento, segundo a autora, corresponderão a oscilações pouco significativas, pelo que poderão ser consideradas de interesse menor. De acordo com esta perspectiva, e ainda com base em R. S. Day, será necessário observar um número bastante elevado de indivíduos para que as diferenças existentes entre eles se possam reduzir tanto quanto possível e se possam considerar negligenciáveis. Por outros termos, os resultados médios que se obtenham nesse tipo

⁶ Chama-se mesmo a atenção para a importância do factor *tempo* quando se tem em vista a padronização de certos dados recolhidos.

⁷ A importância da realização das duas leituras pôde verificar-se no estudo efectuado com base na aplicação da versão portuguesa do «Token Test» a uma população infantil na cidade do Porto. Cf. PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro — *Abordagem a alguns aspectos da compreensão verbal na criança*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, 1984.

⁸ Entre outros trabalhos onde aparecem dados relativos a essas observações, poderão referir-se: PIAGET, J. — *La formation du symbole chez l'enfant*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1945; BROWN, R. — *A first language. The early stages*, London George Allen & Unwin Ltd, 1974; KEGEL, G. — *Sprache und Sprechen des Kindes*, Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag GmbH, 1974.

⁹ Cf. DAY, Ruth S. — *op. cit.*, pp. 5A-5D. Lembra-se também neste momento que o «9ème cours avancé» da «Fondation Archives Jean Piaget», realizado na Universidade de Genebra, de 21 a 25 de Setembro de 1987, contemplou também a temática relacionada com as diferenças inter e intra-individuais.

¹⁰ Cf. DAY, Ruth S. — *op. cit.*, p. 5A.

de abordagem, num número bastante representativo de indivíduos, no dizer da autora, deveriam traduzir princípios de comportamento subjacentes que fossem partilhados por todos os sujeitos. Tomada num ponto de vista extremo, a abordagem nomotética como que só atenderá ao que existe de comum entre os indivíduos, atribuindo menor importância ao que os distingue.

Se, relativamente à selecção dos sujeitos em estudo, se considerar um *continuum* que vá da observação de um grupo numeroso de sujeitos, em que se «anularão» as diferenças existentes entre eles, à observação de um único sujeito, caminhar-se-á da perspectiva nomotética já referida para a idiográfica. Esta última perspectiva não procurará o que existe de semelhante entre os indivíduos, i.e., os princípios de comportamento subjacentes e que seriam mais ou menos comuns a todas as pessoas; procurará antes defender, como adianta R. S. Day, que cada ser humano é único, o que implicará a necessidade de se observar cada caso individualmente para dele se poder traçar o respectivo perfil.

A perspectiva nomotética será utilizada de preferência em psicologia e noutras disciplinas de metodologia semelhante e a idiográfica será utilizada sobretudo em estudos clínicos. Se se considerarem as pesquisas de ordem psicolinguística e neurolinguística, porque extremamente relacionadas com o estudo do *comportamento-linguagem*, será interessante pensar no facto de a abordagem nomotética se poder adaptar porventura melhor ao primeiro tipo de pesquisa. No estudo de ordem neurolinguística, dada a sua especificidade, prevalecerá porventura a abordagem idiográfica, ou pelo menos uma abordagem mais próxima dessa extremidade do *continuum* atrás referido.

Embora possivelmente necessárias em determinadas condições de trabalho, qualquer uma das posições mencionadas será extrema, sendo talvez prudente encontrar pontos menos comprometedores ao longo do *continuum* focado. R. S. Day, por exemplo, terá preferido em determinadas ocasiões experimentais uma posição próxima da extremidade nomotética (mas não extrema) sugerindo a existência de princípios gerais de cognição que parecem existir não em «todos» os sujeitos observados, mas em grupos desses indivíduos¹¹.

Tendo em mente a importância que revestem a selecção de um ou de vários sujeitos para a realização de um estudo desta índole e o tipo de leitura a efectuar, longitudinal ou transversal, convirá referir igualmente os modos de abordagem e de avaliação que o investigador pode usar na sua pesquisa, neste caso de ordem verbal e mais especificamente psicolinguística.

Antes contudo de se apresentarem os diferentes tipos de metodologias, convirá relembrar o que pode servir de objecto de estudo em psicolinguística e mesmo também em neurolinguística¹².

¹¹ R. S. Day conseguiu distinguir dois grandes tipos de comportamentos que lhe permitiram considerar dois grupos de indivíduos: num deles, a que a autora atribuiu a designação de «Language-Bound» (LB), a realização de tarefas cognitivas passaria pela linguagem e no outro grupo, a que a autora atribuiu a designação de «Language Optional» (LO), a resolução de tarefas cognitivas estaria menos dependente da linguagem. Cf. DaY, Ruth S. — *op. cit.*, p. 5B.

¹² A semelhança de F. Grewel, considerar-se-á a neurolinguística como sendo o estudo das perturbações da linguagem e da fala ocasionadas por afecções de ordem neurológica. Cf. GREWEL, F. — *Neurolinguïstiek*, in «Tijdschrift voor Logopedie en Foniatrie», 38, 1966, pp. 159-162, referido in WHITAKER, H., WHITAKER, H. (orgs.), «Studies in neurolinguistics», Vol. 1, New York, Academic Press, Inc., 1976, p. 3.

Considerando que a psicolinguística visa o estudo da linguagem na qualidade de actividade humana¹³, então esta terá de ser entendida como sendo o estudo daquilo que os indivíduos adquirem, quando adquirem a linguagem, e do modo como usam a competência linguística quando estão, por exemplo, face a tarefas de compreensão, de produção, de repetição e de reflexão sobre a língua, tarefas que implicam sem dúvida aspectos cognitivos (mesmo neuropsicológicos) necessários à sua realização. À neurolinguística interessarão também essas tarefas; contudo esta tomará em consideração igualmente implicações de ordem neurológica.

Ao psicolinguista caberá assim também a tarefa de «mostrar», com base na metodologia seleccionada, como o conhecimento linguístico se encontra ou não dependente do conhecimento cognitivo¹⁴. Tratar-se-á pois de uma especialidade que visará tanto o estudo da linguagem como dos processos psicológicos que a implicam e a possibilitam¹⁵.

Seria bem possível que num primeiro momento se fosse levado a pensar que o psicolinguista só toma como objecto de estudo o que o sujeito falante *executa* com base num conhecimento já elaborado. Todavia a nível da aquisição da linguagem — também objecto de estudo da psicolinguística —, depara-se com o que a criança compreende e produz. Ora estas acções desempenharão sem dúvida um papel importante na construção do conhecimento (linguístico)¹⁶. Em causa estarão pois a construção do conhecimento e também dos modos de uso desse conhecimento, possibilitando o conhecimento (em construção) a sua tradução em uso, em acção. Contudo a psicolinguística não tratará exclusivamente de problemas relativos à aquisição da linguagem; ela interessar-se-á igualmente pela execução linguística, tomada a todos os níveis, de qualquer falante de uma língua natural¹⁷.

Quais serão pois os diferentes processos metodológicos que podem servir para estudar as várias facetas da execução linguística?

De um modo geral, as facetas da execução verbal que permitirão uma maior flexibilidade relativamente ao modo como possam ser abordadas e ava-

¹³ Cf. FOSS, D. J., HAKES, D. T. — *Psycholinguistics. An introduction to the psychology of language*, Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, 1978, p. 4.

¹⁴ Relativamente à problemática em questão, consultar PIATELLI-PALMARINI, Massimo (org.) — *Théories du langage. Théories de l'apprentissage*, Le débat entre Jean Piaget et Noam Chomsky, Centre Royaumont pour une science de l'homme, Paris, Seuil, 1979; CHOMSKY, N. — *Rules and representations*, Oxford, Basil Blackwell, 1980; Comentários sobre CHOMSKY, N. — *op. cit.*, in «The Behavioral and Brain Sciences», 3, 1980; FODOR, J. A. — *The modularity of mind. An essay on faculty psychology*, A Bradford book, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1983.

¹⁵ Cf. FOSS, D. J.; HAKES, D. T. — *op. cit.*, p. 18.

¹⁶ Cf. DALE, P. S. — *Language development. Structure and function*, New York, Holt Rinehart and Winston, 2.^a ed., 1976, p. 101.

¹⁷ Ver, entre outros, o estudo de GOLDMAN-EISLER, F. — *Psycholinguistics. Experiments in spontaneous speech*, London, Academic Press, 1968, que se relaciona com as pausas no discurso; os trabalhos de R. S. Day sobre o «Lard Factor» na produção escrita (tópico apresentado por esta autora no curso sobre «Cognition and Language», no «Summer Institute of the Linguistic Society of America», Maryland, 1982); BRONCKART, J. P.; KAIL, M.; NOIZET, G. — *Psycholinguistique de l'enfant. Recherches sur l'acquisition du langage*, Neuchâtel — Paris, Delachaux et Niestlé, 1983, p. 272.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

liadas poderá dizer-se que são em princípio a *compreensão* e a *produção*. Por isso, considerando somente estas facetas, será possível encontrar metodologias que envolvam ou não *normas padronizadas* e que tomem como material verbal amostras de *execução livre (espontânea)* ou *provocada*. Procurar-se-á desta forma mostrar até que ponto será possível, de um ponto de vista metodológico, combinar estas quatro possibilidades¹⁸.

Execução provocada e envolvimento de normas padronizadas

No que diz respeito à execução provocada, esta poderá obter-se em princípio por meio da aplicação de um teste, normalmente padronizado, e que se destinará a avaliar com o máximo de precisão o nível linguístico — relacionado com a sintaxe, com o léxico, com a articulação, com a fluência verbal, com a capacidade de conversação, etc. — de um sujeito falante relativamente ao que se poderá considerar a *média* do respectivo grupo (etário, cultural, social, económico, etc.).

O teste, na qualidade neste caso de instrumento de auscultação das capacidades linguísticas, tem sido objecto de numerosas e porventura mesmo justas críticas. Porém essas críticas são também por vezes mal fundamentadas e revelarão a incapacidade de se saber atribuir a este instrumento o seu devido valor como meio válido num processo de discriminação das potencialidades/carências de cada indivíduo. O teste de auscultação linguística, quando devidamente adaptado à realidade em causa — o que implicará um estudo psicolinguístico da população —, ajudará a tomar consciência daquilo em que cada um necessita de ser mais apoiado e permitirá fazer pensar mais seriamente nas diferenças individuais, tal como chamou a atenção R. S. Day nos seus trabalhos.

Embora a sua pertinência seja óbvia, não se abordará neste momento a importância do teste no domínio da patologia, sobretudo no que diz respeito à reeducação da fala/linguagem, mas alertar-se-á para o facto de, para se poder exercer terapêutica devidamente, ser necessário conhecer a realidade *normal* da população. Chama-se mesmo desde já a atenção para o perigo que representam traduções «rápidas» de testes, de linguagem, por exemplo, destinados num primeiro momento a outros tipos de culturas e que esses sim poderiam ser menos aconselháveis se aplicados com base numa simples tradução, feita possivelmente por indivíduos que desconhecem a realidade psicolinguística da população em estudo.

As críticas — e essas positivas, quanto a nós — que se poderão levantar ao instrumento de análise e de avaliação que pode ser o teste residirão, em nossa opinião, na artificialidade que o poderá caracterizar. Por outras palavras, a situação criada pelo teste é de um modo geral uma situação despida da naturalidade que deve acompanhar a execução verbal, independentemente da faceta em questão. Poderá dizer-se que a aplicação do teste subestima as

¹⁸ Base importante para a constituição desta reflexão metodológica terá constituído parte do Curso sobre «Childhood Language» ministrado por Dr. J. Johnston, no Semestre de Outono de 1981, na «Indiana University», Bloomington.

capacidades do sujeito e desvaloriza a sua iniciativa, assim como as suas ideias e impedirá que os contextos linguístico e situacional, geralmente artificiais neste tipo de instrumento de avaliação, sejam de algum recurso.

Assim, se por um lado o teste pode ir ao encontro de certas exigências de investigação (linguísticas ou outras), visto que exclui possíveis referências de ordem extralinguística, paralinguística, discursiva, situacional, colocando o sujeito porventura exclusivamente face à estrutura em estudo — o que para certos estudiosos representará atingir de um modo mais directo a competência do sujeito relativamente à estrutura em questão¹⁹ —, por outro lado encontra-se desprovido de todo o cunho natural que é próprio de uma situação (linguística) normal e dificultará sem dúvida a tarefa (ao sujeito)²⁰.

O teste, como modo de abordagem e de avaliação (da linguagem), revela-se desta forma menos livre, mais condicionado, mais rígido, estando associado em grande número de casos a padronizações. O facto de existirem normas padronizadas pode contudo tornar-se negativo em virtude de o investigador poder ser levado, por vezes mesmo sem necessidade, a atribuir um determinado valor, até numérico, por outras palavras um certo «rótulo», ao sujeito. Quer isto dizer que o teste, que de um ponto de vista qualitativo poderia ser extremamente útil, corre por vezes o risco de ser interpretado simplesmente numa perspectiva quantitativa.

Ao controlar toda a situação, colocando fora de jogo a iniciativa do sujeito, a nível da produção linguística o teste dificilmente poderá oferecer dados suficientes em relação ao modo como o sujeito fala no dia-a-dia. Quanto à compreensão linguística, a situação criada por este instrumento também poderá reduzir as possibilidades de descodificação, ao despir a situação experimental de todos os ingredientes que acompanham normalmente uma compreensão em sentido lato²¹.

Terá porém de se acrescentar que, do ponto de vista experimental, uma das grandes vantagens do teste reside no facto de permitir a obtenção de médias para assim se proceder a análises estatísticas de realização cada vez menos prescindível.

Execução espontânea e não envolvimento de normas padronizadas

Paralelamente à execução provocada, poderá considerar-se a metodologia que se relaciona com o estudo da execução espontânea, livre, não provocada e liberta de normas padronizadas. Este tipo de abordagem tem a ver com a

¹⁹ Cf. KARMILOFF-SMITH, A. — *Language development after five*, in FLETCHER, P.; GARMAN, M. (orgs.), «Language acquisition», Cambridge, Cambridge University Press, 1979, p. 313.

²⁰ Como sugere A. Karmiloff-Smith, *op. cit.*, p. 314, a compreensão apoia-se em muitos factores: «sintaxe, semântica, pragmática, entoação, pressuposições, regras dialógicas, contexto discursivo e situacional». Extrair parte destes factores poderá acarretar consequentemente, como deixa entender a autora, uma maior dificuldade de (des)codificação e retirará à prova naturalidade.

²¹ Cf. a Introdução à tese de doutoramento de PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro, *op. cit.*

análise (descritiva) de amostras verbais com o objectivo de observar e descrever o que o sujeito exterioriza espontaneamente. Será este tipo de abordagem que permite sem dúvida a observação de execuções mais puras, menos artificiais, visto que o investigador deixa o sujeito falar livremente e por sua própria iniciativa.

Atendendo a que se trata de uma execução (em princípio produção) espontânea, a sua análise torna-se mais difícil e morosa, em virtude da ausência de controlo por parte do investigador. Nestas circunstâncias, é muito provável que o investigador veja ocorrer raramente ou nem veja mesmo ocorrer as unidades ou estruturas linguísticas de que pretenda fazer uma análise. Isto é, o investigador, não controlando as produções do sujeito, pode ser obrigado a recorrer a diferentes sessões até que veja surgir o item ou a estrutura de que deseja fazer um estudo. Ora poderá eventualmente acontecer que os itens ou estruturas que o investigador pretende captar sejam mesmo de baixa frequência no tipo de linguagem a que o sujeito em observação está exposto, o que dificultará ainda mais a tarefa.

Este tipo de método, próximo do *naturalista*, ao pretender efectuar a investigação, por exemplo, de uma produção mais livre, poderá revestir-se porém de uma flexibilidade tal que não possibilite uma análise estatística dos dados ²². Terá sido esta impossibilidade de tratamento estatístico que terá provocado em certos meios a organização de um tipo de abordagem que facultasse um dado tratamento quantitativo. A precisão proveniente do tratamento quantitativo tomaria no entanto corpo em detrimento do grau de flexibilidade própria, por exemplo, da produção livre e de técnicas menos rígidas ²³.

O carácter livre e o carácter *padronizado* poderão ainda sofrer outras conjugações que impedirão as situações «extremas» atrás apresentadas.

Execução provocada e não envolvimento de normas padronizadas

É possível imaginar uma situação verbal ou não-verbal e deixar que o sujeito reaja dentro de uma certa liberdade, condicionada evidentemente pela situação criada; daí o facto de esse tipo de execução ser considerada «provocada». A iniciativa não será dada na totalidade ao sujeito em virtude das condições externas impostas, todavia ficar-lhe-á reservada a possibilidade de expressar o seu modo de responder como melhor entender ²⁴.

²² A este respeito, refere B. Inhelder: «It goes without saying that results obtained by such a flexible procedure do not lend themselves to statistical treatment». Cf. INHELDER, B. — *Some aspects of Piaget's genetic approach to cognition*, in FURTH, H. G., «Piaget & knowledge», Chicago, The University of Chicago Press, 2.^a ed., 1981 (1.^a ed., 1969), p. 25.

²³ Tenham-se em mente, por exemplo, determinadas modificações introduzidas na técnica exploratória e suas implicações. Cf. INHELDER, B., *art. cit.*, in FURTH, H. G. — *op. cit.*, p. 25.

²⁴ Este é o tipo de método utilizado pela autora deste artigo em colaboração com a Professora A. Girolami-Boulinier na obtenção do material necessário ao estudo das práticas actuais da linguagem (oral e escrita). Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A. — «*Premiers pas*» pour un bilan international de langage, in «*Réducation Orthophonique*», Vol. 19, N.º 122, pp. 521-525, Dez. 1981; GIROLAMI-BOULINIER, A. — *Les niveaux actuels dans la pratique du langage oral et écrit*, Collection d'Orthophonie, Paris, Masson, 1984.

Se um investigador pretende estudar, por exemplo, o emprego e a compreensão de uma dada preposição, deve provocar no sujeito, com base numa situação por ele criada e tão real quanto possível, a exteriorização que pretende analisar, no caso da produção, ou a realização de uma dada acção que lhe permita perceber se o sujeito compreendeu de modo correcto o que lhe foi referido verbalmente, no caso da compreensão.

A execução é na verdade provocada mas a situação que é apresentada ao sujeito não será rígida e não revestirá em princípio a artificialidade atribuída ao teste. Ora com um tipo de método deste género já seria possível, através do material recolhido, estabelecer tipos *médios* de comportamento, se a amostra populacional for representativa, e observar pontos de contacto e de divergência entre indivíduos.

Execução espontânea e envolvimento de normas padronizadas

Restará referir um outro método de acordo com o qual o investigador está face a execuções totalmente espontâneas, podendo contudo organizar o material recolhido de modo a conseguir normas padronizadas. Para que este tipo de método seja bem sucedido, será necessário efectuar recolhas em número bastante significativo a fim de que o investigador delas possa extrair os dados de que necessita para o levantamento das possíveis regularidades comuns às diversas execuções²⁵. A padronização obtida por este meio reside no facto de, com base no material recolhido, se poderem deduzir regras que permitam decidir se um dado enunciado, relativamente a uma determinada população, se pode ou não considerar, por exemplo, uma frase simples.

Posto perante estas possibilidades metodológicas de abordagem/obtenção/avaliação do material verbal, o investigador poderá ser levado a concluir que será pertinente, de acordo evidentemente com o tipo de estudo em questão, combinar os modos de abordar e (consequentemente) de avaliar as execuções verbais dos sujeitos.

Numa dada comunidade linguística²⁶ em que existam testes bem elaborados que permitam uma boa avaliação das diferentes capacidades verbais, o ideal seria recolher esses dados e combiná-los com os que viessem a ser obtidos por meio de um outro tipo de metodologia em que o investigador

²⁵ L. Lee utilizou exactamente este tipo de métodos com o fim de estudar a análise frásica do ponto de vista do desenvolvimento. A autora considerou os tipos de frases existentes a nível de desenvolvimento e através dos resultados obtidos pôde estabelecer regras que lhe permitiram julgar os enunciados dos diferentes sujeitos, neste caso crianças. Cf. LEE, L. — *Developmental sentence analysis*, Evanston, Ill., Northwestern University Press, 1974, Cap. 2.

²⁶ Lembra-se neste momento a existência nos Estados Unidos da América do Norte dos seguintes testes, que se revelarão do maior interesse na avaliação e selecção das capacidades verbais das crianças: «Illinois Test Psycholinguistic Abilities», «Peabody Picture Vocabulary Test», «Northwestern Syntax Screening Test», «Detroit Test of Learning Aptitude», «Assessment of Children's Language Comprehension», «Full-Range Picture Vocabulary Test» e «Test for Auditory Comprehension of Language». (Estes são porventura os mais conhecidos e os mais aplicados.) Cf. DARLEY, F. L., SPRIESTERSBACH, D. C. — *Diagnostic methods in speech pathology*, New York, Harper & Row, Publishers, Inc., 2.^a ed., 1978, p. 135 e segs.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

se limitasse a descrever amostras recolhidas de um modo mais espontâneo. Este tipo de combinação seria assim sobretudo usado em comunidades onde existissem instrumentos de avaliação providos de normas padronizadas.

É evidente que o problema da padronização, que se ligará neste caso essencialmente ao instrumento teste, tem de ser considerado com as devidas precauções, uma vez que será imprescindível ter em linha de conta uma série de variáveis que podem perfeitamente afectar os resultados. Entre essas variáveis, de acordo com Weiner e Hooock²⁷, contam-se a idade, a capacidade de audição, o meio sócio-económico e a etnia a que o sujeito pode pertencer. Com isto os autores pretendem referir que, se as normas tiverem de se aplicar a sujeitos provenientes de grandes cidades, de cidades de província e de comunidades rurais, as amostras terão de ser recolhidas nessas áreas. Para além disso, a testagem, segundo os autores, terá de ser realizada dentro de um certo período de tempo e o tratamento estatístico dos dados terá de ser o mais completo possível.

Numa perspectiva psicolinguística e no que se refere mais propriamente à realidade portuguesa, ainda continuará a parecer mais viável um tipo de método que permita a obtenção de um material verbal motivado pela presença de uma situação criada (verbal ou não-verbal). A situação que se criar passará obviamente pelo tipo de técnicas a seguir dentro do método escolhido. Crê-se porém que este método, que se pode aplicar a um grande número de sujeitos (crianças ou adultos) de diferentes grupos etários e de variados meios sociais, culturais e económicos, poderá permitir um estudo mais ou menos profundo, de acordo com o pormenor a que descer a análise dos resultados, mas real de cada grupo, para daí se extrair, tanto quanto possível, um comportamento *médio* (verbal) da população em causa.

Consequentemente, afigura-se do maior interesse para a nossa língua estudar a realidade psicolinguística portuguesa usando porventura os resultados obtidos nas execuções motivadas por situações criadas aos sujeitos, em virtude da morosidade e da dificuldade que implica a análise de materiais recolhidos em situações livres, e elaborar testes sobre as diferentes capacidades linguísticas, especialmente com o fim de averiguar (investigar) o modo como o sujeito reage ao longo do inquérito e não com o objectivo exclusivo de lhe atribuir um valor numérico final. Chama-se mesmo a atenção para o facto de num estudo psicolinguístico se tornar imprescindível a obtenção/análise dos tipos de resposta obtidos. Importa por isso auscultar, através dos tipos de resposta encontrados, o percurso que o sujeito realiza até alcançar o pleno domínio de um determinado material verbal. Os testes teriam assim como principal função orientar o investigador (e até o pedagogo) e ajudar a encaminhar o sujeito nas suas exigências/carências. Por outro lado, trariam ainda certamente contributos importantes, por exemplo, no domínio da neurolinguística, dado o seu desejado poder discriminativo.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto

²⁷ Cf. WEINER, P.; HOOOCK, W. C. — *The standardization of tests: criteria and criticisms*, in «Journal of Speech and Hearing Research», 16, 1973, pp. 616-626, referido por DARLEY, F. L.; SPRIESTERSBACH, D. C. — *op. cit.*, pp. 135-136.